

[Nome]

“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando.”

Guimarães Rosa

(citado por Maria Cecília Gomes Pereira em seu depoimento)

“Toda atividade educativa é uma ação política, no sentido de desenvolver o senso crítico do aluno, para uma tomada de posição consciente diante dos fatos e da sociedade.”

Paulo Freire

(citado por Marcela Menezes Costa em seu depoimento)

A seguir apresentamos uma série de trechos de depoimentos de estudantes e supervisores que participaram do CLIU. A partir do destaque de alguns dos aprendizados individuais, o objetivo desta “colagem” é apontar os diversos aspectos desta experiência pedagógica, os avanços que pode oferecer, as dificuldades enfrentadas, os desafios que se apresentam neste tipo de iniciativa. Em vários depoimentos buscamos destacar aspectos especificamente associados à característica interuniversitária desta experiência.

Os organizadores deste livro tomaram a liberdade de não utilizar a íntegra dos depoimentos recebidos, destacando frases ou fragmentos. A íntegra de todos eles pode ser lida na página do CLIU na internet.¹

Para que se compreenda o processo de coleta de depoimentos, abrimos esta sessão com a mensagem enviada para estudantes e supervisores com a solicitação e instruções.

Em seguida, apresentamos alguns depoimentos na íntegra. São depoimentos de dois supervisores que estiveram envolvidos em vários momentos e de várias maneiras no CLIU. E de uma estudante cujo texto foi considerado emblemático do ponto de vista dos organizadores deste livro.

¹ <http://ceapg.fgv.br/conexaolocalinteruniversitario>

Mensagem enviada para os alunos e supervisores

“Oi, (nome do aluno), tudo bem?

Estamos entrando em contato por lembrarmos da sua participação no (nome da experiência visitada), no (estado em que a experiência se localiza) em (ano da participação).

Queremos compartilhar uma boa notícia e, ao mesmo tempo, fazer um convite. Estamos organizando um livro sobre a experiência do CLIU e, para nós, seria muito importante contar com um texto seu, com um depoimento sobre o que significou ter participado do Conexão. Sinta-se à vontade em abordar os aspectos que considerar mais pertinentes. Interessamos conhecer tudo o que você quiser partilhar. Não se preocupe com o tamanho do seu relato. Não usaremos os textos integrais, permitindo-nos selecionar trechos e ou incluir informações em outros textos da publicação. Ou seja, os textos recebidos estarão sujeitos a edição, seleção e revisão. Sempre serão dados os créditos, claro.

Além disso, caso você tenha produções realizadas a partir da sua participação no CLIU, gostaríamos que você nos contasse e, se possível enviasse cópias. Por exemplo, textos, artigos, trabalhos, áudios, vídeos, etc. que tenham sido realizados a partir de sua pesquisa de campo (originais, cópias ou links para o acesso).

Por favor, manifeste o quanto antes seu interesse, ou não, em participar para que possamos nos organizar melhor. Os depoimentos podem ser enviados até o dia 17 de abril de 2014, respondendo a este e-mail. Podem ser enviados em arquivo de texto ou no próprio corpo da mensagem.

A seguir, fazemos uma breve apresentação do projeto do livro.

Estamos à disposição e à espera da sua contribuição.

Um abraço,

Equipe do Conexão Local Interuniversitária”

Anexo à mensagem:

LIVRO CLIU

Para que você entenda melhor do que se tratará o livro, segue um breve resumo: Este livro registrará, e celebrará o projeto da Eaesp-FGV aprovado em 2009 no edital Pró-Adm da CAPES (que formalmente se encerra neste ano), realizado em parceria com a Fundação João Pinheiro, de MG, a Universidade Federal do Acre e a Universidade Estadual

Vale do Acaraú, do CE. O livro quer sistematizar a experiência pedagógica, seus desafios e resultados, bem como a diversidade das experiências visitadas.

O diálogo de saberes sempre esteve na essência do CLIU e com este livro não poderia ser diferente. A estrutura prevista contempla espaços para: resumos de todos os relatórios produzidos (os resumos estão sendo feitos a partir dos relatórios de visita de campo elaborados pelos participantes), relatos das instituições parceiras sobre a experiência de participação no CLIU, textos voltados para as questões metodológicas envolvidas na realização do projeto e o processo de formação de novos pesquisadores, e os depoimentos e informações enviadas por estudantes e supervisores que estiveram em campo.

Fernando Burgos

Minha experiência com o CLIU começa antes dele existir: quando foi criado na FGV-Eaesop o Projeto Conexão Local. Estava no último ano do curso de graduação em Administração Pública, e o Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP) contemplava três modalidades de pesquisa: o Projeto Conexão Local, o Residência em Pesquisa e o PIBIC. Estava terminando o PIBIC, sob orientação de Ricardo Bresler, e queria muito participar do Conexão, mas esta opção só era disponível para os alunos dos primeiros semestres. Sinceramente, morri de inveja daqueles que poderiam passar 30 dias pesquisando alguma das experiências premiadas pelo Programa Gestão Pública e Cidadania (GPC).

No ano seguinte, já como aluno do Mestrado em Administração Pública e Governo e pesquisador do Ceapg, acompanhava os preparativos para a segunda turma do Conexão Local, quando fui convidado para ser um dos supervisores, na se denominava “tutor”. Ainda que achasse um desafio grande para um recém-formado e que meses antes sonhava em ser um dos alunos escolhidos, aceitei e levei dois estudantes do curso de Administração de Empresas para conhecer a experiência Prove – Programa de Verticalização da Agroindústria Familiar, no estado do Mato Grosso do Sul. Visitar esta experiência, que tinha sido premiada pelo GPC em 1997, depois de quase dez anos da sua premiação e ainda poder acompanhar as descobertas dos estudantes de graduação em sua primeira pesquisa de campo deles foi inesquecível.

Em 2007, o Conexão Local mudou um pouco e a sugestão de experiências que seriam visitadas passou a ser tarefa dos tutores, com a aprovação da coordenação do projeto. Como o meu mestrado estava relacionado ao tema da cultura, sugeri conhecermos o Programa Recife Multicultural. Esta passagem por Recife foi muito marcante porque permitiu conhecer uma experiência que me interessava muito não sob viés de pesquisador, mas, sim, de supervisor. E isto foi uma diferença enorme: enquanto pesquisador você é o responsável por fazer as perguntas, enquanto supervisor, você precisa esperar que os(as) alunos(as) façam as perguntas e, caso isso não ocorra, o ato de

intervir na entrevista deve ser muito bem pensado para não intimidar os jovens pesquisadores. Esta diferença entre ser pesquisador e supervisor esteve muito presente na preparação de outros supervisores nos anos seguintes.

Depois da experiência do Recife, e no final do segundo semestre de 2007, houve uma grande mudança na coordenação do Conexão Local, promovida pelo então Coordenador do PIP, Mário Aquino Alves. Ricardo Bresler passou a coordenar o projeto, e ele, por sua vez, me chamou para ajudá-lo em algumas atividades.

No início de 2008 reformulamos alguns aspectos do programa e, além das tarefas operacionais e de preparação dos alunos para a imersão no campo, fomos surpreendidos pela notícia de que um dos estudantes que iria comigo não poderia viajar mais. Na hora, começamos a pensar em alternativas, quando surgiu a ideia de tentarmos encontrar um estudante da própria Universidade Federal do Acre, que era onde faríamos a visita, que topasse participar do projeto.

Achei a ideia genial, mas bem pouco exequível. O fato de uma pesquisadora da rede do Ceapg ter vínculos com o Acre parecia uma luz no fim do túnel, mas ainda assim, tudo parecia muito distante de concretizar.

Numa velocidade impressionante, foram contatadas pessoas em Rio Branco, até se chegar ao professor Enock Pessoa, do curso de Ciências Sociais da UFAC. Mesmo sem nos conhecer pessoalmente, aceitou participar do projeto, e em pouquíssimos dias definiu um processo e selecionou uma estudantes que participaria do Conexão.

Isso não resolvia tudo. Ricardo e eu tínhamos nos dedicado à formação das equipes: conciliar perfis dos estudantes, do supervisor, as características da experiência e também a localidade era um difícil “quebra-cabeça” que se realizado com pouca atenção, poderia comprometer a fluência do processo didático da pesquisa. E não tínhamos a menor ideia de quem era a pessoa selecionada na UFAC.

A experiência foi um sucesso. Apesar de as estudantes serem de localidades diferentes e estarem conectadas à realidade local de forma heterogênea (afinal, uma delas vivia em Rio Branco), a visita de campo e o relatório final puderam abrir uma reflexão a partir desta experiência improvisada de parceria.

Em janeiro de 2009, Ricardo assumiu a Coordenação do PIP e mantivemos a parceria de trabalho. Ao nos inteirarmos do Edital Pró-Administração (09/2008) da CAPES, ocorrer-nos que a experiência do ano anterior poderia ser aproveitada de maneira mais institucionalizada e envolvendo outros parceiros. Além da UFAC, a relação histórica com professores e pesquisadores da Escola de Governo da Fundação João Pinheiro tornava-a um potencial parceiro. Além disso, uma ex-aluna do Mestrado em Administração Pública e Governo da FGV-Eaesp, passara num concurso para professora da Universidade Estadual

do Vale do Acaraú (UVA-CE), a parceria com esta universidade cearense também se apresentou.

Elaboramos um projeto criando o Conexão Local – Modalidade Interuniversitária, que ficou conhecido como CLIU. Antes mesmo de sair o resultado do edital, o professor Peter Spink, à época diretor do GVPesquisa, autorizou uma experiência piloto para unir estudantes de graduação de duas universidades parceiras, com supervisores das mesmas universidades, formando quartetos que iriam conhecer e pesquisar iniciativas inovadoras de ação pública.

Foi assim que poucos meses depois, participei de uma visita que reunia uma supervisora e um estudante da UVA, com um supervisor e um estudante da FGV-Eaesp. Visitamos o RECA, uma experiência de reflorestamento consorciado e adensado que havia sido estudado pelo Ceapg anos antes e sua inclusão no CLIU foi avaliada pelo Enock Pessoa, formalmente coordenador do CLIU na UFAC.

A experiência foi fantástica, e a partir da aprovação no Pró-Administração as parcerias com UFAC, UVA-CE e EG-FJP estavam definitivamente institucionalizadas, permitindo-nos seguir aprendendo com as experiências inovadoras e em diálogo com pesquisadores de universidades parceiras de outras regiões do Brasil.

No final de 2010, uma mudança na direção do GVPesquisa fez com que Ricardo saísse da coordenação do PIP e, conseqüentemente, do Conexão Local. Eu o acompanhei nessa decisão por estar certo de que não havia pessoa mais qualificada – e que realmente acreditasse na proposta de diálogo de saberes entre alunos da graduação – do que ele. O CLIU ficou sob a responsabilidade do Ceapg.

Desde o início de 2013, não posso mais ser supervisor nem do Conexão Local nem do CLIU, uma vez que me tornei professor da GV e, de acordo com regras estabelecidas há anos ainda na gestão do Ricardo, professores não são supervisores. Independentemente da regra, fico feliz de não ser mais supervisor porque estou certo de que outros estudantes da FGV-Eaesp merecem viver esta riquíssima experiência de supervisionar estudantes de graduação e conviver com estudantes e pesquisadores das universidades parceiras.

Tatiana Lemos Sandim

Pensar no CLIU sempre me remete à ideia de “novidade”. Quando soube do projeto, eu tinha acabado de entrar no mestrado, numa área diferente da minha formação inicial. Começava a conhecer a Fundação João Pinheiro, o campo da administração pública, os ritmos e demandas do novo curso e, não bastantes essas novidades, fui selecionada pela FJP para participar do CLIU. Nesse momento, nem de longe eu imaginava quanta novidade

traria para minha vida.

E foi novidade a preparação para o campo, a seleção de uma aluna para compor a dupla e, na data planejada, seguir para Teresina. Foi novidade viajar de avião, encontrar em campo uma dupla de pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas e, ao mesmo tempo, conhecê-los pessoalmente e iniciar o trabalho. Foi novidade a comida, o clima, o contato com a realidade do sertão do nordeste, com o trabalho do MEPES, que é a instituição que mantém várias Escolas Famílias Agrícolas – EFAs no Piauí.

Como supervisora, foi novidade mudar o foco da experiência para a dupla de alunos supervisionados. A curiosidade e a vontade de descobrir sobre a realidade pesquisada precisavam dar lugar a uma ação ativa de facilitar a aprendizagem dos dois, o que nem sempre era simples nem fácil. Felizmente, o formato das equipes do CLIU nos permite compartilhar a supervisão. O que representou uma experiência de aprender com uma pesquisadora mais experiente.

O acompanhamento da elaboração do relatório também foi uma novidade. A elaboração à distância agrega um desafio à fileira de outros, inerentes a esse tipo de trabalho compartilhado: as diferenças nos estilos de escrever, nos tempos disponíveis, nas análises do que foi visto em campo.

Aí, vem o Dia da Pesquisa! Ah, o Dia da Pesquisa. Para qualquer aluno da FGV, um dia com os colegas apresentando seus trabalhos de pesquisa. Um dia atípico, porém, no ambiente de todo dia. Para mim era um turbilhão de novidades: São Paulo, metrô, um monte de gente que não conhecíamos, o prédio da FGV e as salas diferentes do que estávamos acostumadas e todo um protocolo de cerimônias com pessoas que não conhecíamos e tudo o mais.

Mesmo com os contatos breves foi possível perceber que a equipe do Ceapg, coordenadora do CLIU, não correspondia ao estereótipo dos “acadêmicos donos de certezas e respostas”. Defendiam e praticavam “outro jeito de fazer pesquisa” feita por um “pesquisador conversador”, que volta seu olhar para o outro enquanto sujeito e não enquanto objeto de pesquisa. Essa novidade me fez considerar a possibilidade de uma carreira acadêmica, inclusive.

Tantas novidades vivenciadas fizeram do CLIU um processo de aprendizagem importante para mim e para minha carreira como pesquisadora. E, já seria teria sido uma experiência marcante se a história terminasse ali.

Em 2011, fui convidada a trabalhar no Governo de Minas Gerais. Em 2013, fui contatada pelo Prof. Bruno Lazzarotti, professor da Fundação João Pinheiro e parceiro da FGV no CLIU com a proposta de recepcionar uma das equipes daquele ano para conhecer o programa no qual eu trabalhava, o Travessia. Organizar as equipes de técnicos para

recebê-los, pensar nas pessoas com quem conversar e nos locais para visitar, fornecer as informações necessárias para conhecerem o programa foram as novidades desse novo lugar em que eu naquele momento me encontrava. O tempo todo eu me perguntava: o “percurso” que estou propondo vai permiti-los entrar em contato com o que é relevante para conhecerem esse projeto? Exigiu-me um exercício de olhar meu trabalho cotidiano com olhos de quem o vê pela primeira vez e quer conhecê-lo.

Em 2014, ingressei na FGV como aluna do doutorado em Administração Pública e Governo e pude, novamente, ter a experiência de supervisionar uma equipe do CLIU. E nem por um minuto ousei suspeitar que a novidade não seria a tônica do processo... Como o CLIU me ajudou a aprender: nós não voltamos nunca. Porque não somos os mesmos, os lugares não são os mesmos e as situações não são as mesmas.

Para começar, estar agora na FGV e não mais na instituição parceira já era uma novidade. É diferente ver o CLIU a partir do Ceapg, perceber o envolvimento dos alunos, ter contato com os outros supervisores de equipe e compartilhar a preparação para o campo. Para além disso, o CLIU apresentava um formato que espelhava um amadurecimento de quem, para além de permitir que os outros conheçam e aprendam, aprendeu consigo mesmo e se aprimorou. Assim, passaram a ser realizados seminários de preparação para o campo. Nesse dia, as duplas das instituições parceiras são convidadas a virem até a FGV. Todos os participantes se reúnem e as equipes podem se conhecer e se reunir antes da chegada no campo, podem conversar a respeito do “jeito Ceapg de fazer pesquisa”, conversar sobre a experiência e se preparar melhor. Isso para que, em campo, tudo transcorra de maneira mais harmoniosa.

O processo de supervisão foi novidade, assim como foram novidades outra equipe, outra dupla de supervisão, outro campo. O mesmo posso dizer sobre meu olhar sobre o campo, sobre minhas condições e capacidades para facilitar o trabalho da dupla e auxiliá-los em seu processo de aprendizagem.

Tantas novidades fazem com que os contatos com o CLIU sejam ocasiões para o crescimento e aprendizado. Posso dizer que a participação nesse projeto iniciou um processo importante de aprimoramento da minha formação profissional e acadêmica. Não posso concluir sem destacar o quanto me são caras as oportunidades de, por meio das minhas participações no CLIU, mudar meu olhar sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre mim mesma.

Luisa Kimie Tagusagawa

Participar do CLIU foi emocionante, motivador e construtivo. daquelas experiências que trazem muitas novidades, pessoas e histórias.

Sabe, uma fala que acho muito engraçada é quando digo que essa ou aquela pessoa vivem em outro mundo. É figura de linguagem, mas pensando bem temos realidades diferentes e não estamos em dois ou três mundos distintos. Sinto que quando uso a palavra “mundo” ela gera um distanciamento do outro e essa distância me incomoda. Estamos no mesmo planeta e compartilhamos um mínimo de coisas e é muito legal ver como sentimentos, expectativas e dificuldades aparecem nas histórias das pessoas e nas nossas de formas únicas. E mais divertido ainda ver que o que buscamos está muito atrelado ao que já vivemos e como vivemos.

No CLIU fui pela primeira vez ao Ceará, primeira vez no semiárido, meu primeiro contato direto com a agricultura familiar e com um projeto que pensa desenvolvimento rural sob uma perspectiva multidimensional. Estar em outro estado brasileiro e ver uma realidade diversa em um contexto de formação e pesquisa foi bom demais! É um esforço intenso para absorver e entender o que está ao nosso redor e é incrível como tudo é complexo: trajetórias, narrativas e lugares.

Nossa equipe foi ao Sertão dos Inhamuns Crateús no Ceará e visitamos o Projeto Dom Helder Camara (PDHC). O PDHC é uma experiência na área de desenvolvimento rural e combate à pobreza com foco na agricultura familiar. Me apaixonei pela experiência do Projeto, pelo trabalho que as pessoas nos mostraram e pelo esforço para lidar com as dificuldades que não são poucas. Conheci somente parte de um dos oito territórios do PDHC que atua em seis estados do Nordeste, mas o pedacinho que conheci me cativou – as pessoas que conheci e a força delas me impressionaram, e tenho certeza que o tempo do CLIU vai permanecer como fonte de inspiração, uma referência para a vida.

Uma das maiores dificuldades que eu sentia era para me expressar, conseguir estruturar o pensamento e dizer alguma coisa que achasse lógica. E entre as maiores frustrações que sentia estava a experiência de querer expressar algo que considerava importante, mas não conseguir transmitir a ideia com a força e significado que ela tinha para mim. E o legal, e frustrante às vezes, de ter gostado tanto do CLIU é que comecei a tentar falar, explicar o porquê de ser tão incrível ter estado lá, mostrar como era interessante. E acho que essa foi uma das causas para começar a falar. O que eu dizia não era menos importante que a fala dos outros e minha opinião não era algo a ser deixado na gaveta para sempre.

Acho que isso é o que vejo agora, mas lembro que mesmo no período de elaboração do relatório, depois da pesquisa de campo, ainda era bastante difícil me posicionar, falar e escrever. Considerando que é um processo de aprendizado acho que a tendência é

ficarmos cada vez melhores. E me sinto mais capaz, mais viva, do que era ano passado, e o CLIU não é a única coisa que aconteceu de 2013 a 2014, mas foi uma delas, e acredito que foi bem importante!

Trechos de depoimentos de estudantes e supervisores

Adriano Borges da Costa (Supervisão)

No CLIU 2014 fui supervisor de uma dupla de alunos e vi a experiência deles a partir do que essa experiência representou na minha formação pessoal e profissional. E o CLIU me pareceu ainda mais radical do que o Conexão foi na minha formação. Além da experiência a ser analisada e de uma realidade a ser conhecida, há o aluno, que vem de uma terceira realidade e que também precisa ser decifrado e analisado.

A proposta do CLIU é radical. É uma ruptura experimental, moral e metodológica. São poucas as experiências que se pode ter aos 20 e poucos anos que te desafiam e te deslocam como faz o CLIU com os alunos. Te tira do seu lugar e das suas pessoas, te leva para outro lugar, com uma outra pessoa, em contato com uma terceira realidade que você tem que decifrar. É ao mesmo tempo ter contato com uma experiência a ser estudada e com uma outra visão de mundo e de pesquisa. Ao mesmo tempo que observa o objeto de análise, analisa seu companheiro de observação. Se aproxima de um, e se afasta do outro. Simpatiza, critica, negocia, se surpreende e compreende o objeto e o companheiro. Um movimento de aprender a entender os outros que estão com você ali, por três semanas.

Anna Kanoppa (Supervisão)

O CLIU foi uma grande experiência em dois sentidos. Do ponto de vista acadêmico, foi a oportunidade de orientar alunos de graduação desde o planejamento da viagem, até a elaboração de um relatório final, com o compromisso de incentivar e promover a troca de saberes entre os diversos atores envolvidos: estudantes, gestores públicos, entidades locais e principalmente a comunidade. Do ponto de vista pessoal, o mais importante foi trazer a compreensão de quão complexa é a articulação necessária para tratar um problema como a pobreza multidimensional.

Anderson Peixoto Amparo (Supervisão)

O caminho percorrido ao longo da atividade mostrou a importância que se deve dar às conversas com os atores envolvidos nos processos, à linha histórica percorrida por esses

sujeitos e pela comunidade, bem como as subjetividades que permeiam o estudo. Pelo que percebemos, os estudantes apresentaram uma mudança desde o momento em que chegaram ao local de pesquisa até a entrega do produto final, que é o relatório. As ansiedades e perguntas aos poucos deram lugar às reflexões mais apuradas e às respostas.

Antônio Claret (Supervisão)

Foi viajando e conhecendo outras realidades também que passei a valorizar os processos políticos e sociais do meu próprio contexto. Participando do CLIU pude ainda aprimorar minhas habilidades enquanto pesquisador e cidadão. Em última instância, os desdobramentos positivos em minha carreira, acadêmicos e profissionais, que se seguiram ao ano de 2009 certamente têm raízes e influência decisiva na minha participação no Conexão Local.

Aníbal Sales Oliveira Bastos

Por fim, a volta pra casa. Estava balançado, mudado, cheio de novos interesses e alguma sensação de dever cumprido. Tinha muitas histórias para contar, já que ouvi muitas e vivi algumas. Estava de espírito renovado, apesar de ter, mesmo que em memória, retornar a Minas como faço agora, em lembrança, para terminar o trabalho.

Beatriz Kpinis

Essa vivência foi essencial para o meu aprendizado para entender que por trás das teorias, dos números e dos livros, existem pessoas. Essa proximidade com as pessoas mudou o meu olhar para políticas públicas, e seguiu a minha formação até hoje com a preocupação de pensar que por trás de qualquer discussão temos que pensar na realidade cotidiana das pessoas, nos problemas que enfrentam, na cultura local, no que já existiu e foi construído ali.

Bráulio Humberto

De uma forma geral, vivenciar a experiência do CLIU foi mergulhar numa realidade muito diferente da minha, uma realidade onde a pobreza, o esquecimento e a desigualdade pareciam ser talvez as características que mais marcavam aquele Estado e sua população em relação aos aspectos negativos. (...) Vejo o quão necessário foi enxergar essa situação e como isso impactou na minha vida profissional. Hoje, sou mais crítico em relação à

elaboração e execução de políticas públicas, pois consigo parar, pensar e refletir sobre a realidade do meu Estado, um Estado que possui 853 municípios com realidades muito distintas.

Brauner Geraldo Cruz Júnior

Quando estávamos em campo, algumas indagações sobre o processo de escrita do relatório às vezes vinham em minha mente, mas isso era algo que procurava dispersar. Quando me vi a começar essa etapa, um pequeno desespero tomou conta: é realmente muito complicado reduzir a experiência tão rica que tive em apenas 20 páginas. Mas isso foi se dissipando e, com a ajuda dos supervisores, o processo se tornou altamente prazeroso, na medida em que deixava registradas percepções sobre os locais que passei e que agora estavam sendo registrados para futuros leitores. A ajuda da minha parceira de pesquisa nisso tudo foi essencial, já que não houve momentos de falta de correspondência nas modificações, assim como sua contribuição enriqueceu minha visão sobre a experiência que vivenciamos em comum.

(...) Adquiri saberes diferentes, muitos pontos de vista, muitas histórias pra contar. Conheci um lugar incrível, de pessoas incríveis e que deixou muita saudade. Nisso tudo, aprendi a ter menos certeza das coisas, mas uma eu adquiri: a de querer sempre aprender mais dos outros, que certamente terão muito pra nos contar.

Bruno Giorni

Trabalhar em conjunto com a equipe da FGV foi muito bom, pois consegui ampliar meus conhecimentos e pude discutir sobre os mais diversos assuntos relacionados ou não ao meio acadêmico e pude aprender muito com essa interação.

Catarina Ianni Segatto (Supervisão)

Considero o CLIU fundamental para a formação dos alunos na medida em que proporciona imersão em uma realidade social completamente distinta da usualmente conhecida pelos alunos. Lugares longínquos são escolhidos, muitas vezes de difícil acesso.

Esses lugares são desconhecidos pelos alunos da graduação e pela maior parte dos alunos da pós graduação, são locais onde a imagem inicial é de escassez de recursos, excesso de problemas e pouca solução. Apesar disso, os alunos “descobrem” políticas públicas inovadoras que envolvem empoderamento de comunidades locais, organização social para

a resolução desses conflitos e parcerias entre atores estatais (intra e intergovernamental) e não estatais.

(...)

O CLIU inclui na formação dos alunos a compreensão de que o desenvolvimento local envolve uma pluralidade de atores que vivem e atuam nesse território e que possuem distintos interesses e identidades, de forma que expressam diferentes vozes. Os governos federal, estaduais e municipais precisam considerar esses “locais” em suas políticas públicas e o administrador público que formula e implementa essas políticas deve ser capaz de reconhecer essas vozes e incorporá-la no processo da política pública.

Dayana Pires

Foi muito importante ver na prática a diferença entre o escopo de trabalho dos governos estadual e municipal, este último mais acessível à população principalmente por conta da proximidade física proporcionada pelo Orçamento Participativo (OP) através das visitas às comunidades, reuniões, plenárias e fóruns. Percebemos que muitas vezes as demandas da população no período de credenciamento das ações do OP não condiziam com a competência do município, o que reforça a necessidade dos níveis de governo “conversarem” sobre as demandas da população e alinharem políticas públicas, o que infelizmente não observamos, principalmente pela divergência partidária.

Geiza Gonçalves de Azevedo

Ter tido a chance de conhecer uma realidade tão diferente da minha foi de valor inestimável, acrescentou à minha vida profissional e pessoal. Entendo que é fundamental o contato com o outro para que haja o exercício do respeito e da valorização da diferença. Esse projeto me propiciou um bom exercício.

Gesley Fernandes

Ir a campo em um local diverso do seu dia a dia e ficar imerso com uma equipe destinada a justamente pensar o programa faz com que o modo de aprender seja mais profundo, diferente e com um significado próprio. Não é conhecimento passivo, mas produção de um aprendizado ativo. Depende não apenas da equipe de acadêmicos que parte a campo mas também necessita que a comunidade co-participe e produza então material que a sala de aula não poderia proporcionar ao graduandos.

(...)

Fazer uma graduação voltada para a gestão pública e poder conhecer políticas públicas dessa forma é compreender que elas são feitas por seres humanos, e que todos esses são atores ativos de sua própria história, por mais que estejam em situações que os obriguem a passar por opressões diárias. Estabelecer essa comunicação, que é pesquisa e flerta com a extensão, é onde pude começar a ver que para fugir da opressão de um saber sobre o outro é necessário o diálogo. Somente nesse, significados e significantes podem ser compartilhados. E isso se dá não somente em conversa, mas o rico de se mergulhar no campo é poder dialogar simplesmente vivendo o dia a dia das comunidades.

Jhennyffe da Silva Moreira

Através desse contato com o campo pude enriquecer ainda mais minha carreira como acadêmica, além da sala de aula, e sem dúvida o CLIU foi um dos grandes responsáveis por aperfeiçoar minha formação ao permitir que participando deste projeto obtivesse uma visão mais abrangente sobre como é lidar com um trabalho de campo, entrevistas, elaboração de relatórios e etc., assim como todos os seus impactos. (...) Um dos pontos principais que posso destacar que foram de suma importância para contribuir na eficiência deste trabalho foi o fato de podermos nos relacionar de forma integrada com estudantes e professores de instituições de ensino de outra região. Dessa forma, creio que isso proporcionou uma liberdade maior, nos deixando mais abertos a obter opiniões diversas e visões que pudessem enriquecer ainda mais a pesquisa.

José Leonardo Martins Assumpção

Vi as dificuldades e as felicidades dos agricultores por quase um mês, observei como uma comunidade pode mudar um paradigma em seu modo de vida ecológico e ao mesmo tempo inserir-se economicamente na sociedade. (...) Enfim, vivenciei experiências das quais aprendi muito e pude compreender *in loco* algo do qual tinha apenas uma ideia, que não se compara com a experiência prática.

Juliet Matos

Quando participei do Conexão Local, minha maior carência era a vivência da pesquisa de campo, motivo pelo qual escolhi cursar ciências sociais. O CLIU foi uma oportunidade única e importantíssima para formar meu direcionamento profissional. E, além de tudo,

proporcionou o contato com o tema da educação, que sempre foi do meu interesse, e me levou a conhecer uma outra região do país, com pessoas diferentes, culturas diferentes da minha.

Lizandra Silva Ferreira

O aluno deve começar, antes mesmo de ir a campo, com uma rigorosa pesquisa bibliografia acerca de seu objeto de estudo. Isso torna a pesquisa de campo mais interessada e curiosa e que vá além do senso comum. E, segundo, as equipes são formadas por duplas de instituições diferentes. Essa mistura permite uma troca de conhecimentos importante para a construção do processo de pesquisa.

Lucio Nagib Bittencourt (Supervisão)

Participar do CLIU como supervisor é participar da educação do olhar de jovens pesquisadores e pesquisadoras que acompanhamos; principalmente em relação às situações do cotidiano. Supervisor, aliás, não é um nome muito preciso para o que fazemos; afinal, ninguém tem uma “super visão”, além do alcance dos demais, capaz de ver “o real” que os outros não veem, independente da função, experiência ou tempo de vida. Em vez dessa lógica mais autoritária de tentar fazer os outros verem o mundo como nós o vemos, o CLIU reconhece e parte dos nossos diferentes olhares; nos permite e nos provoca a coloca-los em ação. Mais que isso, nos permite ver juntos: o olhar do outro conversa com o meu, que se junta ao do outro, que discute com o de outro, que passa a fazer parte e compor o meu; sempre em reconstrução.

Participar do CLIU como supervisor talvez seja, então, orientar esse processo, essa oportunidade de modificar o olhar. Sobre o outro, sobre si mesmo, sobre o cotidiano, sobre os tempos. E sobre o Brasil.

Malila Ohki

Foi a primeira vez que pude sentir um Brasil diferente estando sozinha, longe de amigos e pais, podendo, assim, perceber de fato outras realidades que existem não apenas lá, mas como aqui também, porém ignoradas por grande parte da população. O trabalho com certeza me amadureceu como pessoa e me fez ter questionamentos mais profundos que antes. Foi uma porta que se abriu onde eu pude experimentar um trabalho fora da FGV, sem uma tendência única de pensamento. Hoje, vejo o quão essencial essa experiência foi para mim, principalmente no meu modo de ver os problemas e realidades, pois tirou

qualquer tipo de preconceito, e passei a analisar problemas e lidar com pessoas partindo do pressuposto que ninguém tem o mesmo referencial que eu tenho e vice-versa. Todos nós vivemos e somos criados de forma diferente, e por isso agimos diferente. Acredito que essa experiência proporcionou um maior espaço de diálogo e questionamento em tudo o que eu faço. De certa forma, ela me formou como pessoa.

Marcela Menezes Costa

Foi minha primeira experiência de pesquisa e de campo. Além de conhecer outra realidade, ir a campo me fez abrir a mente para o fato de que ouvir o que as pessoas, cidadãos e cidadãs, têm a falar é talvez a melhor forma de se conhecer uma realidade de forma profunda e, mais ainda, é – deve ser – o ponto de partida para se pensar alternativas institucionais que contribuam efetivamente para a transformação de realidades. Aprender com sindicalistas e líderes de associações, por vezes analfabetos, sobre os problemas com os quais eles, mais do que ninguém, convivem é entender e observar que livros e pesquisas quantitativas, objetivas são por demais restritas, embora tenham sua importância. Entendi que o papel do Estado não é sempre o de inventar a roda para superar problemas que identificamos “aqui de fora”. É, juntamente com os interessados, pensar alternativas, muitas vezes simples, que se adequem às realidades; ou mesmo, apoiar, de forma a garantir a autonomia dos projetos, iniciativas, que dão resultado, já existentes.

Passei a compreender melhor, por meio do CLIU, as dificuldades inerentes à relação governo/Estado e sociedade civil: ambos partem de lugares distintos, possuem interesses distintos, informações distintas acerca de todos os aspectos envolvidos em um problema e em uma política, e inclusive, muitas vezes possuem objetivos muito distintos. Lidar com essas dificuldades, de modo a “conciliar” interesses, é uma tarefa bastante difícil que os gestores públicos lidam a todo momento.

Maria Cecília Gomes Pereira (Supervisão)

Penso que o CLIU é um processo que contribui para que os estudantes de graduação e pós graduação mudem... na forma de pensar, de olhar o outro, de ouvir, de se olhar, de problematizar as imensas desigualdades do nosso país, e por ai vai...

(...)Penso que um dos grandes aprendizados é saber ouvir e olhar o outro, aprender com pessoas que estão tentando construir realidades mais justas e com menos desigualdades, em uma luta diária, em lugares nem sempre visibilizados, alguns até invisíveis. E a partir disso poderemos refletir sobre a forma como nos posicionamos e agimos no lugar de onde olhamos, ouvimos e falamos.

Maria Mirles Sant'Anna Teixeira

Nunca imaginei que a pesquisa de campo fosse tão incrível e cheia de emoção, ver a realidade das comunidades sob outra perspectiva. Principalmente em se tratando da Amazônia, região da tríplice fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru. Ouvir os atores sociais e o governo, a importância das atividades, os investimentos do governo, efeitos e impactos das políticas públicas confrontado com o nível de desenvolvimento local, trouxe como resposta uma sensação que a responsabilidade do Estado como veículo de direitos e garantias para todos encontra dificuldade de superar paradigmas históricos de problemas sociais.

Mariana Eugenio Almeida (Supervisão)

Pude vivenciar um contexto econômico, político e social distinto do qual estou inserida. Cada uma das pessoas com as quais tivemos contato nos ensinaram lições que não são aprendidas em livros. E isto apenas uma experiência de campo pode nos proporcionar. Para mim, enquanto administradora pública, o contato com a SEDENS foi especialmente relevante, uma vez que proporcionou uma análise da gestão pública no estado do Acre, bem como das políticas públicas na área ambiental.

Mariana Gabriela de Oliveira

A imersão foi uma experiência pessoal ímpar. Passamos alguns perrengues: tivemos medo de alguns insetos, não conseguimos dormir em algumas noites, não comemos exatamente aquilo que estávamos acostumados, passamos saudades de casa e das mordomias proporcionadas por nossa família, passamos raiva com um com o outro para depois morrer de rir da situação. A contrapartida foram sorrisos maravilhosos, abraços sinceros, o compartilhamento de conhecimento em cada diálogo realizado, os vários cafés e sucos de açaí oferecidos, a acolhida de quem nos acompanhou ao longo de alguns dias ou durante toda jornada. Entrar na casa das pessoas e ser tratado como um membro da família, conquistar a confiança delas e ouvir as histórias cheias de emoção, foi inesquecível.

Acredito que experiências como o CLIU são imprescindíveis para a formação de melhores gestores públicos. O Brasil é gigantesco, com diversas realidades diferentes. Viver a vida como jovem de classe média numa grande cidade da região sudeste é completamente diferente de estar em uma cidade de interior na região norte do País, por exemplo. Experiências como essas abrem nossos horizontes, nos faz enxergar coisas que até então eram imperceptíveis e, com toda certeza, contribui para que sejamos mais justos, comprometidos e atentos para tornar o Brasil um lugar melhor para se viver.

Michael Cerqueira

Tenho muito orgulho ao falar do CLIU, pois além de ter sido minha primeira experiência de pesquisa foi certamente a atividade mais prazerosa e transformadora que participei dentro da FGV. Tudo aquilo que encontrei lá ia ao encontro dos meus valores e em muitos momentos precisei rever a forma com que pensava e me adaptar de forma a permitir que o entrosamento do grupo desse certo. (...) Academicamente o CLIU também me acrescentou bastante. Ficou mais claro para a gente o que era uma OSCIP, um orçamento, o processo de elaboração de uma política pública e seus instrumentos de controle além de entendermos a importância da pesquisa de campo e da postura de pesquisador conversador, já que havia uma profundidade enorme do projeto que não estava contemplada nos documentos oficiais.

Naila Cabaleiro

Um dos grandes desafios da minha experiência foi tirar o foco (mesmo que provisoriamente) do que já havia sido escrito e perceber/investigar com a minha visão o que acontecia, para depois, voltar para o papel e escrever de forma clara e objetiva sobre assuntos e pessoas com as quais, após quase um mês de convivência, a minha relação já não era mais clara e objetiva. (...) Criar o distanciamento para escrever foi um processo semi doloroso. Por sorte tive bons supervisores para ajudar. Para mim, que nunca havia participado de nenhuma pesquisa de campo, entender como restringir o escopo, administrar o tempo de conversa, escolher as perguntas, anotar e escrever um relatório eram atividades essenciais e desconhecidas.

Nina Scheliga

O CLIU foi uma experiência absolutamente incrível. Destaco três pontos. O primeiro é poder estudar e acompanhar uma política pública de perto por três semanas. Para um estudante de políticas públicas é indispensável conhecer a realidade de seu País e experiência de políticas públicas que estão sendo implementadas.

O segundo é o contato com um estudante de outro estado e outra formação. Durante o nosso período de convívio aprendi muito com minha parceira. Nossas histórias são completamente diferentes, compartilhamos muitas coisas das nossas culturas. É definitivamente um desafio conduzir uma pesquisa dessas com alguém que não conhecemos, mas o resultado é muito rico. Aprendemos a trabalhar com nossas

diferenças, ser compreensíveis e tentar entender o ponto de vista um do outro.

O CLIU se propõe a introduzir o estudante no campo da pesquisa e realmente conseguimos ter este gostinho. É uma responsabilidade bem grande ficar três semanas em campo para pesquisar uma política pública sem nunca ter feito isso antes. O acompanhamento dos supervisores é essencial do começo ao fim e também grande parte da aprendizagem. Com eles, pudemos entender diferentes maneiras de conduzir uma entrevista, a importância da observação de tudo que está ao redor para entender o cenário em que estamos inseridos e como registrar tudo isso. Na volta, com o desafio da distância entre as duplas, os supervisores seguiram dando grande apoio para o que, provavelmente, é a parte mais difícil do trabalho.

Patrícia Laczynski (Supervisão)

Minha participação no CLIU, em especial com a visita aos consórcios intermunicipais, foi muito importante para meu doutorado, porque aproveitei estas visitas para a minha pesquisa de campo. Minha tese foi sobre como os consórcios intermunicipais podem contribuir com as políticas redistributivas e a redução das desigualdades e me baseei em quatro experiências: duas delas pude conhecer no âmbito do Conexão Local.

(...)

E, no campo pessoal, ter a oportunidade de conhecer cidades no interior do Brasil, conhecer sua gente, sua cultura, suas vidas, o que é possível quando se está indo na condição de pesquisador, é uma oportunidade única. A melhor maneira de abrir a mente é sair da toca, conhecer outras experiências, outros lugares, outras culturas. E o nosso país é tão grande com uma riqueza que merece ser investigada e valorizada. Ou seja, com o mestrado e doutorado tive a oportunidade de aprender a teoria. Mas também tive a oportunidade de conhecer realidades locais. A pesquisa não se faz apenas com teoria. Mas também com o conhecimento do saber local.

Paulo Henrique Alves da Silva

Os professores nos acompanharam na primeira semana, nos orientando e nos conduzindo na pesquisa. Mas, passada a primeira semana, ficamos por nossa conta e risco. E, imaginem, dois jovens estudantes vindos de duas realidades absolutamente distintas com um único objetivo proposto. E o que poderia ter sido um problema acabou por ser uma surpresa agradável...

Priscila Portela de Azevedo

Após o retorno das três semanas em campo, começou então o início de colocar no papel tudo que foi vivenciado, aprendido e pesquisado. E em novembro pude ir a São Paulo, para o Dia da Pesquisa, quando se reuniram todos os professores e pesquisadores do Conexão Local para apresentação de seus relatórios. Na minha opinião foi um sucesso, embora nunca tenha ficado tão nervosa. Ao mesmo tempo, nunca gostei tanto de uma apresentação em público que possa ter feito, pois falar de algo que se vivenciou se torna muito mais fácil.

Priscila Costa e Silva

Participar do CLIU foi uma rica vivência que me proporcionou ter uma visão ampliada da realidade e da rede na qual eu estava inserida profissionalmente, além de ter oferecido estímulo para continuar realizando estudos no mesmo campo.

Posso afirmar - com toda a humildade que me cabe, pensando que ainda há muito a aprender e a desenvolver diante da grandeza do nosso País - o meu crescimento nesta oportunidade. O que ressoa de 2008 ainda auxilia hoje na condução dos meus estudos sobre as políticas públicas culturais, tão necessárias para um eficaz desenvolvimento socioeconômico sustentável e que se mostram um importante instrumento na busca pela melhoria da qualidade de vida para a maioria dos brasileiros.

Priscilla Corrêa dos Santos

A experiência de imergir numa realidade completamente diferente, tanto em aspectos físicos, quanto em aspectos socioeconômicos, é extremamente rica, resultando em ganhos em dois grandes pontos: no “fazer pesquisa de campo”, em que desenvolvemos a escuta, o diálogo e aprimoramos os sentidos de forma a ficar mais atentos às informações e ao entorno, mapeando atores e questões a serem observadas; e, no ganho “pessoal/subjetivo”, principalmente, em que conhecemos e temos empatia pelas pessoas que são daquele contexto completamente diferente do qual vivemos.

Rafael Leite

O CLIU me apresentou uma perspectiva distinta sobre pesquisa acadêmica. Enquanto participei do programa fui orientado à conversar com as pessoas nas ruas, nas lojas, no governo e até mesmo em suas casas. O meu lugar não era mais o do pesquisador-

máquina, escondido atrás de um computador asséptico, elaborando formas e fórmulas para dar origem a uma pesquisa pretensamente neutra, mas o do pesquisador-conversador, cujo objetivo era entrar em contato com um número relevante de atores locais, em busca de interpretações diversas sobre os fenômenos que se desenrolavam na região.

O principal aprendizado que tive foi justamente entender que a apropriação de conhecimento a partir da pesquisa de campo é uma experiência bastante pessoal. O objetivo da imersão em campo, por sua vez, não seria encontrar algo absolutamente original ou desconhecido, mas um modo diferente de olhar e pensar determinadas realidades a partir das informações coletadas e das experiências observadas.

Raiane Cardoso de Souza

Na primeira semana de viagem, aprendi com as minhas orientadoras a realizar pesquisa de campo. Foi necessária muita observação para reconhecer alguns elementos fundamentais, como o que é relevante observar, quais perguntas realizar, identificar atores importantes para o projeto, construir agenda e quais inferências podem ser feitas a partir das informações colhidas. Nas duas semanas seguintes, já sem a presença em campo das orientadoras, me reconheci como pesquisadora, sem nenhuma receita pronta ou manual com um modelo específico de pesquisador, apenas descobri o meu próprio jeito de pesquisar.

Ricardo da Rocha Rodrigues

Um outro grande ponto forte do CLIU é o grande intercâmbio cultural que ele promove. Não bastando estar numa cidade em que você nunca esteve, metade da equipe de pesquisa também vem de lugares que você nunca esteve. Um certo choque de visões de mundo torna-se inevitável. O que ficou mais forte para mim foi que o centro-sul brasileiro, durante a maioria da viagem, não foi o foco dos assuntos. Amazônia e América Latina eram mais frequentes que São Paulo e Rio em vários momentos. Essa diferença de visões foi muito produtiva.

Sahid Xerfan Neto

Depois de viver tudo isso em um lugar que dificilmente eu imaginaria poder conhecer, desenvolvemos um relatório para descrever o estudo de caso realizado. Confesso que considerei outro fato negativo: tínhamos um limite de 15 páginas para desenvolver nosso

relatório. Descobrimos tanta coisa durante a pesquisa, que acredito que precisaríamos de mais espaço para desenvolver nossa pesquisa de maneira mais detalhada. Foi difícil colocar tudo em 15 páginas. Apesar de ter bastante coisa para falar, também confesso que tive problemas no início para dividir o tempo de escrever a pesquisa e ainda estudar para as matérias da faculdade (que estavam mais puxadas). Também tive que me acostumar com a realidade de ter que escrever um trabalho em conjunto com outro aluno de outra faculdade e nossas orientadoras. Mais dois aprendizados que tive.

Sefisa Quixada (Supervisão)

Para os jovens investigadores em campo, o exercício do conhecimento da teoria, através da apresentação inicial do CLIU, aliada à ação da prática da vivência, que foi possibilitada é uma aprendizagem marcante e engrandecedora para a sua vida profissional, acadêmica e pessoal, e para mim, orientadora, professora, e também eterna estudante, foi um vasto aprendizado, decorrente da vivência do fato em si, a teoria e prática de um programa público, especificidades de uma ação pública vista em outra região do País com cultura, povo, tradições e outras questões micro e macro ambientais e o compartilhamento de vidas, das pessoas pertencentes ao programa que nos receberam tão bem e a vivência semanal com o grupo, com seus méritos, características, vaidades, sentimentos, formas de lidar, mas objetivado por um trabalho comum e com respeito mútuo.

Sofia Reinach (Supervisão)

Com a supervisão trata-se também de estabelecer uma parceria. As experiências são diferentes e os métodos também. Além disso, existe o complicador da responsabilidade de guiar os primeiros passos da pesquisa, permitindo aos se sentirem confortáveis para estabelecerem uma rotina de trabalho quando sozinhos em campo. Isso vai desde a importância de levar um caderno para anotar entrevistas, como a necessidade de identificar e contatar os atores a ser entrevistados.

Ou seja, a supervisão é o desafio de conseguir passar o conhecimento e experiência que já adquirimos, ao mesmo tempo em que temos que dar a oportunidade ao aluno para que tenha sua própria vivência e possa construir o seu próprio repertório. A experiência de pesquisa, nesse caso, é rica não só pelo acesso a entender o funcionamento de um caso prático interessante, mas principalmente pela complexidade da convivência interpessoal. A supervisão é, ainda, um desafio que implica em compreender o processo de aprendizado do outro. Em que a experiência do supervisor pode servir para acelerar algumas descobertas, mas que na verdade só é rica ao conseguir dar o espaço necessário para o aprendizado do aluno pela própria vivência.

Talita Hernandes Borges

Acredito que uma das maiores contribuições que o CLIU deixa para mim é o sentimento de “inquietação” do pesquisador, aquele que não se contenta apenas com dados e fatos oficialmente relatados. A postura de pesquisador que me foi apresentada é de alguém que se desafia a entender as contradições do campo em profundidade. Pesquisador este que está atento às narrativas, à forma como as pessoas constroem suas histórias, aos espaços físicos, aos cheiros, aos atores indiretamente envolvidos, enfim, a todos os elementos que de alguma forma se relacionam e que são partes significativas para a compreensão do todo.

Tamara Ilinsky Crantschaninov (Supervisão)

Quando se orienta no CLIU, há diversos prismas diferentes que são coordenados temporal e geograficamente: primeiro existe a possibilidade de nós, enquanto supervisores, proporcionarmos o primeiro contato com a pesquisa científica orientada para um graduando. Para os supervisores, é uma oportunidade também de colocar em prática e disseminar técnicas de pesquisa variadas para estudantes mais jovens. Este trabalho se inicia bem antes da viagem, em si, e me ensinou a ter responsabilidade com o que digo e ensino: quando se orienta estudantes mais jovens, você dá um viés bem forte do sentido da pesquisa e de seus instrumentos. O que para nós é construído academicamente, para eles ainda é dado: e aí entra a fundamentalidade (e responsabilidade) do orientador. Quando você diz: vamos por este caminho, na maior parte das vezes o orientando te acompanha por acreditar que você acumulou saberes suficientes para tomar esta decisão, e portanto, deve ser a melhor escolha. Ele tenderá a repetir estas escolhas ao longo da vida de pesquisador, por assimilação. Assim, ao promover o primeiro contato de pesquisa, é preciso ter cuidado extremo com as escolhas metodológicas, e estar atento para sempre sinalizar o porquê de cada escolha e quais seriam as opções possíveis.

Existe também o viés de termos de trabalhar com duplas de outra universidade. Antes mesmo do contato com o campo em si, já existe esta estranheza e necessidade de compatibilização entre os dois mundos. São Paulo, que tem mania de autorreferenciação, precisa mais uma vez se despir do que faz no automático e aprender também a ouvir, a dialogar, a aprender a falar na mesma língua de um outro campo de saberes. Quando estudantes de graduação são imersos neste contexto já no começo de suas vidas acadêmicas, tenho certeza que conseguirão ser muito mais ecléticos e abertos a diferentes mundos de pesquisa durante sua formação.

Valéria Coelho (Supervisão)

Com relação à atividade de supervisor, creio que a melhor descrição é a de alguém que está ensinado o outro a andar de bicicleta. Transmitir confiança, apoio e motivação são fundamentais. Cada dia de compartilhamento de experiências foi um dia de aprendizado e de percepção do crescimento dos estudantes enquanto pesquisadores.

Veronika Paulics (Supervisão)

Para mim, o maior desafio do CLIU é o tal “ajudar a olhar”², especialmente com a dupla supervisão de pessoas que vêm de realidades tão distintas. Não é uma supervisora mais experiente que ajuda outra supervisora a olhar, não são as supervisoras que ajudam estudantes a olhar. A junção de diferentes, reunindo estudantes, supervisoras e pessoas envolvidas em uma política pública viva, com seus desafios, avanços, dificuldades, cores, sons, cheiros, é que nos faz a todos ver uma coisa que antes não víamos. É o conjunto que nos “ajuda a olhar”.

Se para quem é estudante a grande surpresa é ir a campo para conhecer uma política pública, a supervisão para mim significou ir a campo acompanhando alguém numa visita, sem fazer a pesquisa por este alguém. Estamos juntos, mas não somos nós os pesquisadores. Respeitar os processos e as decisões de estudantes que acompanhamos é um grande aprendizado para outras orientações, e não só do mundo acadêmico. Além disso, a dupla supervisão significa que não é só a minha companhia, o meu olhar, o meu jeito de fazer as coisas que será referência neste acompanhar. A outra pessoa que também supervisiona tem uma história diferente, uma trajetória distinta, outras maneiras de fazer companhia. E todos aprendemos com esta multiplicidade, inclusive os que nos recebem para conversar sobre o que vivenciam em seu cotidiano ao notar que há diferentes maneiras de o tal “mundo acadêmico” se aproximar daquilo que é vivido ali.

Embora ninguém possa de fato ajudar um outro alguém a apreender a maravilha que é ver o mar, pode, sim, sugerir maneiras de estar contra ou a favor do vento de modo que a areia não entre nos olhos, ou chamar a atenção para a variedade de tons que há no mar, ou, ainda, para o tanto de coisas que as ondas deixam na praia, para os sons, para a possibilidade de entrar na água sem se afogar, dar a mão para ultrapassar a arrebentação.

² A função da arte, de Eduardo Galeano, in Livro dos Abraços: “Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!”.

Wesley Freitas Viana

A ideia do Projeto CLIU em colocar dois alunos em uma realidade diferente e fazer com que estes desenvolvam um trabalho conjunto para desenvolver uma pesquisa e ao final escreverem um relatório à distância, é, a meu ver, bem complexa. Desenvolver o relatório foi mais difícil do que imaginei, nunca tinha escrito nada sem me basear em números ou questionários, e principalmente sem comunicação direta (em outras palavras sem me reunir, pessoalmente, com as pessoas envolvidas), por esses motivos e mesmo tendo feito uma boa análise do recorte durante o campo, montar o relatório foi um desafio pessoal, principalmente juntar um texto feito a quatro mãos.
